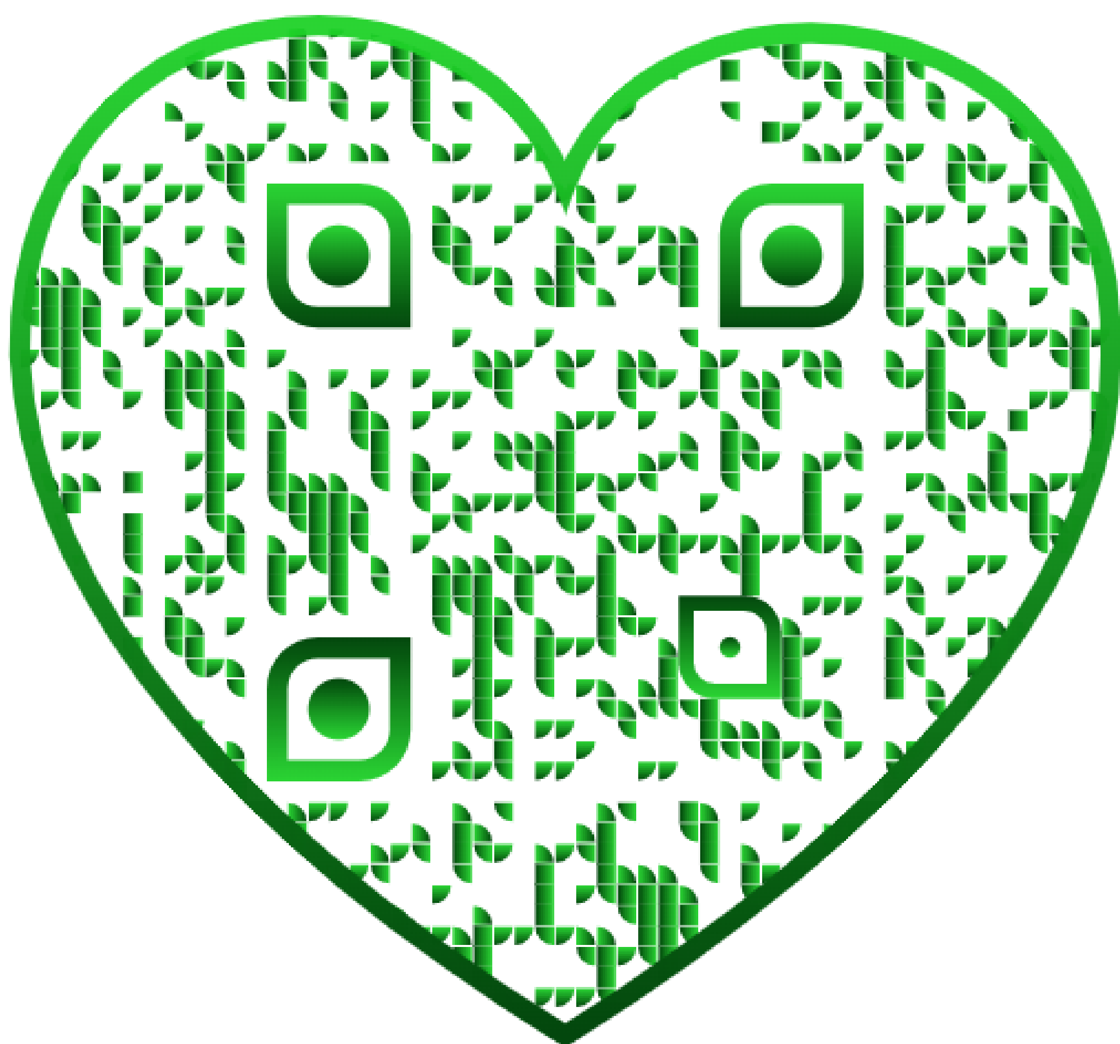
ANDREA CREMER

# STOLEN SOULS





**ALMAS ROUBADAS**

*Andrea Cremer*

De onde eles estavam escondidos sob o palete de madeira, Jean não conseguia ouvir qualquer movimento do lado de fora da cabana, mas sabia que as criaturas ainda estavam lá. Os gritos não tinham parado.

Rabbie estava se contorcendo sob seu aperto firme. Aos três anos de idade, seu irmão era muito jovem para entender por que ficar quieto era tão necessário, especialmente quando estava tão aterrorizado para parar de se mover. Rabbie queria a mãe deles, mas Jean sabia que aquilo não era possível. A sua mãe estava morta. Ela tinha observado enquanto as sombras caíam sobre ombros de sua mãe. Primeiro sua mãe tinha gritado para Jean pegar Rabbie e correr. Ela tinha continuado a gritar, mas não tinha mais palavras.

Se de cansaço ou derrota, Jean não sabia, mas Rabbie finalmente desistiu de debater-se em seus braços. Ele soltou um pequeno soluço enquanto seu corpo ficava lento. A mão dela permaneceu em torno da boca de Rabbie, entretanto, tomando cuidado para não cobrir seu nariz e sufocá-lo. Jean rezou para que as criaturas não tivessem ouvido o som minúsculo. Agora que Rabbie tinha se aquietado, Jean se atreveu a fechar os olhos e perguntar-se quem ou o que tinha trazido tal terrível maldição até Dorusduain.

A avó dela tinha lhe ensinado sobre maldições. A velha mulher morreu no ano passado, um pouco antes do aniversário de sete anos de Jean. Era a voz da avó que preenchia as memórias mais recentes. Quando era uma criança muito pequena, as estórias de sua avó eram claras e cheias de risadas. À medida que Jean crescia, os contos começaram a ser mais sombrios. Já não eram para animá-la ou provocá-la, as histórias se transformaram em sabedoria e advertências.

Por causa da sua avó, Jean sabia que nunca deveria tocar um cavalo negro que permanecia de pé perto da água. E ela sempre carregava uma faca

afiada em seu bolso, devido ao feitiço do *kelpie*[1] que poderia fazê-la perder o juízo. Jean poderia reconhecer um círculo das fadas com facilidade. Ela tinha segurado a mão da sua avó fortemente quando ambas ouviram o *banshee*[2] começar a se lamentar, e não tinha ficado surpresa quando sua avó estava morta dentro de uma hora.

Mas tudo que tinha aprendido com sua avó não tinha importância quando as sombras se ergueram em Dorusduain, brotando da terra como árvores maléficas. Seus ramos negros matando homem, mulher e criança da mesma maneira. Agora que estava escondida embaixo do palete enquanto a aldeia sofria, Jean esgotou sua mente procurando por algum sinal que poderia ter perdido. Podia ver os acontecimentos do dia gravados cruamente em sua memória, mas quanto a sinais, não encontrou nenhum.

As criaturas tinham aparecido no meio da manhã, não no crepúsculo ou amanhecer, quando os espíritos estão acostumados a se enfiarem no mundo mortal. Sua mãe tinha lhe dado a tarefa de tomar contar de Rabbie, e Jean se prontificou para tentar ensinar ao seu irmão algumas habilidades úteis. Rabbie tinha três anos e não cambaleava mais enquanto andava, para Jean, aquilo era bom o bastante para ajudá-la com pequenas tarefas.

O dia começou claro e esperançoso, como o brilho do sol que encorajava um trabalho rápido e intencional porque parecia que a tarde traria chuva. Sabendo que Rabbie ficaria mal-humorado com as pequenas tarefas a não ser que fizesse disso um jogo, Jean tinha escolhido ensiná-lo a coletar os ovos das galinhas.

Rabbie estava encantado. Jean sofreu com ele perseguindo os pássaros assustados ao redor da cabana de sua família. Seus braços gordinhos conseguiram capturar brevemente uma das galinhas embora suas penas

---

[1] Espírito aquático do folclore celta, que habita os córregos e rios escoceses. Normalmente, assume a forma de um cavalo – geralmente preto – mas também pode assumir a forma humana.

[2] Forma mais obscura das fadas. De acordo com a mitologia celta, quando alguém avistava um banshee, sabia logo que seu fim estava próximo e que os dias restantes da sua vida poderiam ser contados pelos gritos do banshee. Cada grito era um dia de vida restante.

fizessem cócegas, então, quando a galinha tentava fugir, Rabbie caia gargalhando e ela escapava. Quando seu irmão tinha se cansado o bastante para prestar atenção às instruções, ela mostrou-o como abordar uma galinha empoleirada calmamente. Enquanto arrulhava ao pássaro cacarejante, ela habilmente deslizou sua mão na barriga da galinha e afastou-a rapidamente. Quando Jean abriu a mão, revelando um ovo marrom e manchado, Rabbie olhou para ela com olhos arregalados. Então deu um grito agudo com deleite e mandou-a fazer o truque novamente. Ela mostrou mais duas vezes como persuadir ovos das galinhas antes de mandar Rabbie tentar.

Rabbie aterrorizou três galinhas e quebrou um ovo antes que sua feição mudasse, ficando corado e explodisse em lágrimas frustradas. Jean tentou tranquilizar o garotinho que essa pequena tarefa exigia paciência e prática, e talvez se jogar nas galinhas não fosse a melhor escolha. Apesar das palavras tranquilizadoras, estava conformada com a ideia de que Rabbie não estaria coletando ovos até que tivesse pelo menos quatro anos.

Enquanto o irmão choramingava, Jean considerava os outros afazeres do dia, se perguntando se ele poderia fazer algum deles. O primeiro grito, do que se tornaria muitos para contar, silenciou seus pensamentos.

— Espere aqui — ela disse a Rabbie. Outro grito.

Jean colocou um ovo nas pequenas mãos dele. — Tome conta direitinho disso até que eu volte.

Rabbie aceitou o ovo como um tesouro. Ela esperava que a tarefa prendesse sua atenção mais do que os sons alarmantes que se espalhavam na aldeia.

Jean se apressou em voltar da cabana em direção ao centro da aldeia. Ela tropeçou quando viu as criaturas. Eles não pareciam bestas ou os espíritos que sua avó a tinha alertado. Como sombra e fumaça, suas formas mudavam constantemente. Algumas vezes uma criatura a lembrava de uma nuvem negra sendo esculpida pelo vento, e outras eram mais como ninhos de cobras negras.

Seu vizinho, John Craft, estava atacando duas das criaturas com um forcado. Os pontos afiados da ferramenta de fazenda passavam através de seus

corpos de fumaça sem efeito. Por um momento, Jean pensou que deviam ser espíritos, incapazes de tocar ou serem tocados pela carne. Mas ela tirou a ideia da cabeça quando uma das criaturas escorregou adiante, se jogando sobre John como breu. Ele começou a gritar imediatamente e ela soube o motivo dos outros gritos na aldeia.

— Jean! — Ela olhou para o som do choro de sua mãe. — Jeanie!

A mãe dela correu em sua direção, mas tropeçou e parou quando viu o tormento de John Craft. A segunda criatura de sombra pairou no espaço entre elas.

— Mamãe! — Ela permaneceu parada com desesperança enquanto a besta de sombra começou a se mover em direção à sua mãe.

Dando alguns passos para trás, a mãe de Jean gritou: — Jeanie, pegue seu irmão. Você tem que fugir!

Jean começou a balançar a cabeça, sentindo lágrimas alfinetando nos cantos dos olhos. Então ela viu uma terceira sombra borbulhando do chão atrás da sua mãe.

— Corra, Jean! — Sua mãe gritou. A besta engoliu-a.

Terror, escaldante, queimava sua pele, a colocando em ação. Jean deu a volta, correndo de volta para o lugar que tinha deixado Rabbie. Seu irmão estava esperando por ela como tinha mandado. O ovo estava em suas mãos, mas seu rosto estava pálido de medo.

Agarrando seus braços, Jean pegou Rabbie e começou a correr. Ele lamentou quando o ovo caiu das suas mãos, esmagando no chão.

— Depressa, Rabbie! — Ela sussurrou para ele. — O ovo não importa agora.

Jean carregou seu irmão em volta do lado mais distante da cabana, longe de onde tinha visto as criaturas pegarem John e sua mãe. Rabbie tropeçava no caminho ao seu lado, sua expressão aturdida e assustada.

Deu a volta na cabana, e não encontrando monstros bloqueando a porta, empurrou Rabbie para dentro. Depois de fechar a porta e trancá-la por dentro, pegou Rabbie e arrastou-o para trás do palete da mãe deles.

— Não! — Rabbie esperneou e tentou mordê-la.

— Rabbie, pare — Jean sussurrou. — Você tem que ficar quieto. Por favor. Por favor.

Enquanto tentava acalmar Rabbie, recusando-se a deixá-lo se remexer no esconderijo deles, botou para longe sua tristeza e seu pânico. Eles estavam escondidos, mas aquilo era bom o bastante?

Era muito fácil se lembrar de John Craft apunhalando furtivamente a criatura de sombra. Eles podiam matar, mas não podiam ser tocados. Jean olhou em direção à porta trancada. Se as bestas eram feitas de sombra e fumaça, uma porta as manteria lá fora? Os monstros não podiam ser combatidos, então se eles entrassem na cabana, não teria como defender a si mesma e Rabbie.

Duas escolhas se tornaram claras em sua mente. Ela e Rabbie poderiam permanecer escondidos, esperando que as bestas deixassem a aldeia sem descobri-los. Mas ela não sabia por que as criaturas de sombra tinham atacado ou por quanto tempo eles continuariam em Dorusduain. A outra opção era fugir. Pelo que brevemente tinha testemunhado, parecia que as criaturas se moviam lentamente, suas impermeabilidades fazendo a velocidade desnecessária quando atacavam. Se Jean e Rabbie pudessem escapar da aldeia, poderiam ser capazes de se afastar das criaturas.

A mão dela estava molhada com as lágrimas de Rabbie, mas ele tinha o senso de chorar em silêncio. O pobre garoto provavelmente sentiu o medo de sua irmã e se rendeu obedientemente. Eles estavam encolhidos lá, quietos e aterrorizados. A imagem de coelhos congelados ao sinal de perigo, esperando evitar que o predador os notassem, veio à mente. Ela não era um coelho.

— Rabbie, a gente tem que correr — Jean sussurrou. — É o único jeito. Se nós ficarmos, estamos em perigo.

Ela se atrevendo a tirar a mão da boca dele, o ouviu dizer: — Mamãe?

Jean se forçou a responder: — Nós não podemos esperar por ela. Eu a vi lá fora e ela disse que devíamos correr.

Rabbie balançou a cabeça e Jean deixou o irmão ir. Ele engatinhou para fora do esconderijo deles, Jean o seguiu, colocando o dedo em seus lábios para ele saber que eles ainda tinham que ficar em silêncio.

Destrancando a porta, Jean a abriu um pouquinho. Espiou através da fenda estreita o pouco que podia ver. No campo de visão da aldeia que tinha na linha da porta, não podia ver qualquer uma das criaturas de sombras. Pegando a mão de Rabbie, ela disse: — Não olhe para a aldeia, não procure pela mamãe, apenas olhe para mim. E não importa o que, não pare de correr.

Os dedos de Rabbie deslizaram nos dela e Jean abriu a porta.

Ela começou a correr, puxando Rabbie consigo tão rápido quanto suas pequenas pernas permitiriam. Os ruídos circulando através da aldeia como névoa eram horríveis. Soluços, gritos, choros de choque, cada um evidenciando a agonia daqueles que tinham caído para as criaturas sombrias.

Seguindo seu próprio conselho, Jean não olhava para outro lugar a não ser sua frente. Ela manteve seus olhos na linha da floresta, onde ficava o caminho de Dorusduain para a estrada. Seu batimento cardíaco estava mais rápido que suas pernas podiam se mover. Ela foi em frente, pensando em nada mais do que escapar.

Eles tinham alcançado as cabanas que ficavam na extremidade sul da aldeia quando Rabbie guinchou. Incapaz de manter o passo com sua irmã, as pernas do garotinho se emaranharam e caiu. A força do seu colapso rompeu seus dedos do aperto dela.

Jean parou, deu a volta e pegou Rabbie em seus braços. Ela virou-se novamente e continuou a correr enquanto seu irmão a agarrava. Tinha esperado que carregar Rabbie nos braços libertaria suas pernas para se mover rápido, mas aos três anos Rabbie era muito grande para ser carregado por uma garota de oito anos, e Jean logo se encontrou cambaleando e sem fôlego.

Seus pulmões estavam queimando enquanto olhava o limite da floresta. As árvores, geralmente cheias de cantos de pássaros e zumbidos de insetos, tinham ficado silenciosas. Atrás dela, gritos continuavam a subir de Dorusduain,

contudo, agora abafado pela floresta, eles pareciam mais as lamúrias de espíritos.

Forçando um pé à frente do outro, Jean continuou a correr, mas não sabia quão longe suas pernas podiam levá-la. Incapaz de conter-se, ela soluçou e Rabbie entrou em pânico, suas mãos gordinhas agarrando seu cabelo. Ela chorou de dor, mas continuou a correr.

De repente, eles não estavam sozinhos. Seu peito teve um espasmo de medo enquanto uma forma escura surgia a partir das árvores no caminho. Mas seu terror tornou-se uma onda de esperança quando percebeu a qualidade sombria da figura era devido ao manto da floresta, riscando o sol. Não era um monstro, mas um homem.

O homem era alto e estava sozinho. A possibilidade de resgate deu nova força e ela se colocou no caminho em direção ao homem. Quando estava perto o bastante para ver suas feições, podia dizer que ele era um estranho e não era da aldeia deles.

Ele a observou enquanto se aproximava. Parando alguns passos dele e dando um olhar sobre seus ombros para ter certeza que nenhum monstro estava atrás dela, colocou Rabbie no chão e tentou recuperar o fôlego. Ainda aterrorizado, Rabbie se agarrou em seus joelhos.

O estanho olhou para ela. — De que está correndo, criança?

Jean olhou para ele. Não era escocês, mas não achou que suas palavras fossem carregadas com o tom dos Países Baixos tampouco. Talvez fosse inglês; nunca tinha conhecido um britânico. Ele tinha o comportamento de um lorde, com coluna ereta e o tecido fino de suas roupas. Mas o que prendeu sua atenção foram seus olhos. Não conhecia ninguém com olhos cinzas.

A garganta de Jean estava tão seca que teve que pigarrear várias vezes antes de conseguir falar.

— Por favor, senhor… meu lorde. — Ela não queria ofendê-lo se fosse um homem nobre. — Minha aldeia foi atacada.

A sobrancelha dele levantou. — Atacada? Por quem?

— Eu… eu não sei — ela disse, sem saber se o estranho acreditaria nela. Sua avó zombava de lordes como esse homem, dizendo que eles se achavam muito grandes para os antigos caminhos. — Um mal terrível.

— Mal? — Por um momento pensou que o homem riria, mas em vez disso balançou sua cabeça. — Então nós temos que tirar vocês para longe daqui em segurança.

— Por favor, meu lorde — Jean pressionou. — Você tem um cavalo? Nós temos que fugir.

— Eu tenho um cavalo aqui perto. — A voz do estranho estava muito calma comparada com o pânico de sua voz. Ele olhou para Rabbie. — Quem é esse?

— Meu irmão.

Seus olhos de moveram para o rosto dela. — E você o carregou da aldeia? Você deve estar exausta.

Com essas palavras, Jean rapidamente sentiu cada dor do seu corpo como uma facada. Tudo que conseguia fazer era assentir.

— Deixe-me levá-lo. — O estranho agachou-se, estirando seus braços em direção a Rabbie. — Nós vamos para o meu cavalo e para longe.

Com palavras consoladoras, Jean tirou Rabbie de suas pernas e o virou para olhar o estranho.

— Vá com ele, Rabbie — Jean disse. — Ele vai nos ajudar.

Rabbie olhou para seu rosto, em dúvida.

— Vai — disse a ele. — Nós temos que ir para longe daqui.

Ela deu um pequeno empurrão nele, e Rabbie foi para o estranho. Os joelhos dela tentaram desabar em alívio quando o homem pegou Rabbie, mas ela deu um jeito de ficar em pé.

— Obrigada, meu lorde — Jean disse.

O estranho sorriu para ela, seus olhos cinzas brilhando.

Ela não viu a sombra subindo atrás dela, agigantando-se por cima, pronta para atacar.